

## **INDIVIDUALISMO E DIREITO:**

### **um ensaio sobre cultura social na pós-modernidade**

**Eduardo C. B. BITTAR\***

#### **RESUMO**

Perscrutar-se o modo pelo qual se dá a luta por segurança, numa sociedade em que crescentemente se percebe o desarrajo e a insegurança, é a tarefa deste estudo. Trata-se de um estudo que mergulha na análise da sociedade pós-moderna e suas características mais marcantes. Por isso, a partir do pensamento de Zygmunt Bauman, podem-se estabelecer relações curiosas entre individualismo e identidade no cenário pós-moderno. Se a sociedade depende de indivíduos concretos para sua sobrevivência, deve-se questionar como se dá a solidariedade em tempos de desertificação da vida social e reificação dos laços humanos.

**Palavras-Chave:** individualismo – comunidades – insegurança - pós-modernidade.

#### **RÉSUMÉ**

La société post-moderne tien quelques caractéristiques qui doivent être exploitées, spécialement quand il s'agit de discuter la relation entre individualisme et identité. Les communautés sont présentes comme un phénomène typique de l'ambiance post-moderne, élément insuffisant pour délimiter des alternatives aux paradoxes de la condition postmoderne.

**Mots-Clefs:** Postmodernité – Individualisme - Communautés

#### **1. PROBLEMATIZAÇÃO**

A presente investigação verte-se no sentido de compreender como a cultura social, ou seja, como a cultura do convívio vem respondendo aos déficits de segurança da sociedade pós-moderna. Os encontros intersubjetivos em

sociedade, apesar de aparentarem um certo caráter acidental, apesar de parecem ocorrer aleatoriamente, são, em verdade, fruto de arranjos e re-arranjos das próprias estruturas sociais. Não há nada mais científico na sociologia senão a descoberta de que o homem não é propriamente o homem por suas escolhas pessoais, mas de que o homem é também um fruto de seu próprio meio, ou seja, um conjunto de determinações externas ao indivíduo.

---

\* Livre-Docente e Doutor. Professor Associado do Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP). Professor e Pesquisador do Programa de Mestrado em Direitos Humanos do UniFIEO. Secretário-Executivo da Associação Nacional de Direitos Humanos (ANDHEP). Pesquisador-Sênior do Núcleo de Estudos da Violência (NEV-USP). Membro Titular da Cátedra UNESCO para a Paz, Democracia, Direitos Humanos e Tolerância (IEA-USP).

Parte-se, portanto, da hipótese de trabalho de que, uma vez alteradas as condições de convívio, estaria, neste sentido, a subjetividade contemporânea afetada pelas novas condições de exercício do *eu* nas relações sociais. A desertificação do espaço do convívio, a pauperização da linguagem, a massificação da estética, a industrialização da cultura, a consumerização e a colonização do mundo da vida são questões que formam o pano de fundo da articulação das idéias desenvolvidas ao longo deste trabalho.<sup>1</sup> Ora, a reestruturação da condição do eu também leva a uma problemática condição no arranjo entre o *eu* e o *outro*. Nestes termos, a intersubjetividade tende a absorver os mesmos dilemas da subjetividade e a apresentar suas respostas, ainda que errôneas e insuficientes, à sensação de “mal-estar”.

Por isso, pensar este tema reclama antes de tudo a compreensão da condição da cultura contemporânea, como passo fundamental para a descrição dos modos pelos quais indivíduos e comunidade se vêem diretamente afetados por este estado de coisas.

## 2. INDIVIDUALISMO, CONSUMISMO E ESTETISMO: A SOCIEDADE DA SENSÇÃO

O individualismo é uma das grandes traçadas que permite identificar e definir a condição pós-moderna. A imersão na cultura do individualismo permite constatar que a grande marca de aferição da condição pós-moderna é a da alforria do *ego*,<sup>2</sup> vivida de um modo tão intenso que se redefinem as concepções de vida a partir deste epicentro. Indivíduos inflados de si mesmos, não vêem os laços humanos senão como meras ocorrências e meros acidentes do processo de socialização.

De fato, o individualismo contemporâneo é uma espécie de marco da definição dos papéis sociais, das formas de fruição do mundo, dos modelos de ação, dos paradigmas sociais, dos desejos coletivos, das projeções de esperança da psicologia social, etc. de modo a agir sobre as mentalidades a ponto de definir novas condições de vida,

novas práticas sociais, novas identidades culturais, novas práticas de mercado, gestando e cristalizando novos valores na esfera do convívio humano.

Nesta cultura de emergência do indivíduo, a propaganda e o consumismo são duas determinantes fundamentais a delimitar a profunda estetização da experiência.<sup>3</sup> Se há múltiplas opções de vida, e as regras tradicionais de controle social e moral do comportamento já não servem mais, somente sobra um leque diversificado de alternativas de auto-afirmação, o que permite aos indivíduos *serem* aquilo que vestem ou aquilo que os lugares que freqüentam significam. A criação de diversos *modos* de entrada no mercado é mais do que a revelação da benece do mercado para com a diversidade, e mais um modo de multiplicação das práticas do próprio mercado no sentido de sua re-invenção permanente. A reificação alcança nuances muito específicas, a ponto de condicionar a identidade de indivíduos, grupos e comunidades. O auto-reconhecimento do indivíduo por ele mesmo parte de sua disposição para consumir este ou aquele insumo da indústria cultural. A seleção de fatias de mercado, seja *emo*, seja *cult*, seja *descolado*, seja *neo-hippie*, não importa a escolha, trata-se sempre de uma escolha *no* mercado, ao que foi reduzido o exercício da liberdade. *Ser e ter* se confundem. A sociedade pós-moderna é a sociedade da sensação, ou seja, a sociedade em que o estético se torna ontológico, na versão de Türke.<sup>4</sup>

Se tudo se resume, na luta pela existência, a uma inserção no mercado, no mercado como determinante da condição de aceitação estética de cada um, a politicidade se resume a ser um ato de consumo perfeito, ou seja, um ato de pertinência simétrica entre vontade e capacidade de compra.<sup>5</sup> Em tempos de cultura *cool*, a consciência e a visão de mundo se resumem à dimensão da imagem consumida. Este é o trampolim de uma geração para a perda de identidade quanto à *consciência de seu tempo*, e a construção de um movimento cultural que estimula o *descolamento*. O *cool* é por definição uma atitude de despreocupação, desvinculação, desligamento, o que em última medida significa *despolitização*.<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Este trabalho é também um desdobramento das reflexões e problematizações que podem ser encontradas em Bittar, *O direito na pós-modernidade*, 2005, cuja análise mais ampla permite uma compreensão mais abrangente da problemática.

<sup>2</sup> Segundo Lipovetsky: “La culture post-moderne est du feeling et de l’émancipation individuelle élargie à toutes les catégories d’âge et de sexe” (Lipovetsky, *L’ère du vide: essais sur l’individualisme contemporain*, 1983, p. 32).

<sup>3</sup> O registro da identidade desta época é: “Le moment post-moderne est bien davantage qu’une mode, il révèle le procès de l’indifférence pure en ce que tous les goûts, tous les comportements peuvent cohabiter sans s’exclure, tout peut être choisi à loisir, le plus opérationnel comme le plus ésotérique, le nouveau comme l’ancien, la vie simple-écologiste comme la vie hypersophistiquée, dans un temps dévitalisé sans repère stable, sans coordonnée majeure” (Lipovetsky, *L’ère du vide: essais sur l’individualisme contemporain*, 1983, p. 58).

<sup>4</sup> “Dessa forma, o bem e o mal se transformam em categorias estéticas; e o estético se transforma no ontológico, ou seja, na possibilidade ser ou não ser” (Türke, *Sociedade da sensação: a estetização da luta pela existência*, in *Ensaio frankfurtiano* (ZUIN, Antonio A. S.; PUCCL, Bruno; RAMOS DE OLIVEIRA, Newton), 2004, p. 64).

<sup>5</sup> “Onde se deve surpreender para poder sobreviver; onde a luta pela existência se torna um problema estético, então se faz cumprir o estado de coisas da sociedade da sensação, para a qual caminhamos a passos largos” (Türke, *Sociedade da sensação: a estetização da luta pela existência*, in *Ensaio frankfurtiano* (ZUIN, Antonio A. S.; PUCCL, Bruno; RAMOS DE OLIVEIRA, Newton), 2004, p. 63).

<sup>6</sup> “Quando o *cool* ganhou popularidade repentina e se espalhou como fogo na floresta entre os filhos dos prósperos pós-Depressão envergava a máscara de uma rebelião e da renovação moral: era o símbolo de um distanciamento militante de uma ordem envelhecida satisfeita com a situação a que o passado a tinha conduzido e à míngua de idéias novas” (Bauman, *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, 2003, p. 50).

A cidadania, neste sentido, se encolhe à dimensão da boa regulação do mercado e das distorções que impedem os indivíduos de serem consumidores plenos. A função do Estado passa a ser a função de coordenação do mercado, com uma clara atrofia da significação do que seja o público, em favor do que é o privado. Em tempos de *liquefação* da ordem da política, se trata também de proceder à *flexibilização* do trabalho, à *desregulamentação* da vida social, à *liberalização* do mercado... Por isso, a sociedade pós-moderna vive, acima de tudo, uma profunda expansão da lógica de auto-afirmação do mercado, entidade que governa e determina as formas de afirmação dos indivíduos. Individualismo, materialismo e liberalismo se retroalimentam num movimento circular que torna difícil pensar em alternativas.

O desprestígio da interação em tempos de individualismo se dá pela prioridade da significação social pelo ter do que pelo ser. Este é um fator de dissolução da solidariedade social que funciona como uma espécie de pressão para a despersonalização, para o conflito moral, exacerbando a incapacidade de entendimento e compreensão nas relações intrasubjetivas e intersubjetivas, o que acaba por culminar numa dificuldade de mútua compreensão entre as pessoas (tendo em vista que não há limites para os comportamentos, tudo é possível; tendo em vista que não há estabilidade de comportamentos, qualquer coisa é lícita ao comportamento; tendo em vista que não há padrões estanques de moralidade social, estes que foram rompidos com os movimentos ocorridos no seio da pós-modernidade, o outro é sempre um estranho irreconhecível).<sup>7</sup>

*Alter e ego*, inflados de si mesmos, não constroem pontes de equivalência relacional, determinando condições pelas quais o que vige é uma idéia de liberdade em que “cada um é cada um, e ponto”. A solidão do indivíduo na condição deste “cada um” de ambos os pólos se torna uma consequência óbvia da inviabilidade do entendimento. Os esforços de tolerância são somente os substitutivos para a decrepitude dos esforços por entendimento.

Há a imagem ideológica de que a liberdade aumentou e que o indivíduo é de fato mais livre do que ontem; no entanto, esta idéia de liberdade é a de uma liberdade de consumo, da auto-afirmação da identidade pelo consumo. Apesar da impressão de aumento de liberdade, o homem pós-moderno vive o paradoxo do aumento da dependência do mercado e da fragilidade pessoal. O que se tem aqui é

uma subjetividade ameaçada de sossobrar sob as forças do mercado, distante portanto da capacidade de emancipação.

O indivíduo pós-moderno não é livre, senão em imagens evocadas por *outdoors* e propagandas televisivas; ele é controlado, monitorado, determinado e insculpido, conforme os fluxos e refluxos do mercado. Sua essência está fora de si; sua essência não é auto-consciência, mas hetero-consciência. Se o mercado se incrementa a todo tempo, se estar no mercado significa enfrentar a concorrência infinitamente crescente dos competidores, o mercado só pode ser visto como o lugar de permanente projeção do *novo*. Não importa o que seja e do que se trate, o sucesso do *novo* está em sua aprovação e consolidação como um *novo* aceito, ou seja, o próprio ato de consumo se torna uma forma de mensuração da plausibilidade da *novidade*.

Onde tudo é sempre *novo* e as pressões estão no sentido de forçar o *novo*, o indivíduo que está sempre “antenado” no *novo*, se torna ele-mesmo uma *novidade* permanente, que exige do sujeito mais do que a capacidade de comprar, a flexibilidade de adaptar-se à dinâmica dos tempos (leia-se do *timing* do mercado). Diante de uma oferta sempre gigantesca e inventiva, a multiplicidade de escolhas é uma consequência óbvia. Em verdade, a questão das comunidades parece ser a resposta social à geração sempre inquietante das insuficiências do antigo geradas pelo mercado. O motor que acelera o mercado, também acelera as formas de desarranjo dos laços sociais, gera o envelhecimento do que fica, aumentando a sensação de perda de referenciais para a ação dos indivíduos. A ansiedade pelo que se terá já está disseminada no imaginário coletivo, antes mesmo da coleção de inverno chegar!<sup>8</sup>

Ademais, quanto maior a sensação de liberdade e de afrouxamento dos laços sociais, maior a sensação de mal-estar na pós-modernidade, ou seja, de insegurança, de indeterminação, especialmente considerada a fragilidade na qual está posta a condição de exercício da liberdade. Pertencer a uma comunidade me faz pensar em ter algo de presente e constante, enquanto a consciência já trabalha com a idéia de que nada fica, de que tudo passa. A transitoriedade levada ao absurdo reclama alguma compensação em definitividade. Num determinado momento, se torna insuportável que nada fique e que tudo passe. Quanto maior a insegurança, maior a necessidade de abrigo, o que gera, como reação necessária, a cultura das comunidades.

<sup>7</sup> Se dizia mesmo que é proibido proibir: “On disait <<il est interdit d'interdire>>” (Lipovetsky, *L'ère du vide: essais sur l'individualisme contemporain*, 1983, p. 317).

<sup>8</sup> A necessidade da comunidade estética gerada pela ocupação com a identidade é o campo preferencial que alimenta a indústria do entretenimento: a amplitude da necessidade explica em boa medida o sucesso impressionante e contínuo dessa indústria” (Bauman, *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, 2003, p. 63).

### 3. A CULTURA DAS COMUNIDADES, A DEFLAÇÃO DA POLÍTICA E DO DIREITO

A idéia da formação da cultura das comunidades é uma clara resposta a este quadro de individualismo. Como reparação ao crescimento do atomismo social na sociedade de massas, a comunidade torna-se uma necessidade tão vital quanto a necessidade do ar para respirar.

É questão de sobrevivência pertencer a uma comunidade. O *Orkut* é um destes fenômenos que bem caracteriza a presente análise. Dentro dele, tudo vale, só não vale estar só. Vale achar os amigos, formar comunidades temáticas, fundar grupos de escolhas, construir teias de relações virtuais, retomar contatos perdidos, entrar e sair de comunidades, identificar-se com isto ou com aquilo, sumir e reaparecer com nova identidade, forjar sua própria identidade virtual, manipular informações, disseminar dados e tendências... Mesmo aquele que tem sua própria página do *Orkut*, apesar de não conhecer nenhum indivíduo real, já se considera pertencente a uma “comunidade”, ou seja, à comunidade virtual daqueles que freqüentam o ambiente das comunidades virtuais, o *Orkut*.

Mas, não só. Outras formas de construção de comunidades são possíveis e nenhuma está excluída. A idéia de pertencimento é ela mesma uma idéia-fim, não importa pertencimento a que. A idéia de pertencimento, de acoplagem a uma determinada comunidade, traz ao indivíduo pós-moderno a sensação que complementa o espaço deixado vazio pelo desaparecimento de um complexo de categorias que, anteriormente presentes na cultura social, forneciam aos indivíduos a condição de um pertencimento implícito e tácito. A proliferação da cultura das comunidades, formais e informais, declaradas ou implícitas, freqüentes ou fluídas, reais ou virtuais, concretas ou abstratas, fechadas ou abertas, dinâmicas ou estáticas... é um fenômeno tipicamente pós-moderno. Nenhuma outra geração conheceu tão de perto a necessidade de pertencer a múltiplas comunidades como a dos indivíduos pós-modernos. A própria idéia de comunidade já fornece um conforto que parece ser absorvido pelos indivíduos como algo vital.<sup>9</sup>

Pertencer a comunidades, ainda que provisórias, alivia a tensão. A sensação de “escolta” traduz bem a idéia de que toda parceria fornece algum tipo de suporte, que dá ao indivíduo a sensação de que estar com o outro é ter tudo o de que se necessita naquele momento e naquelas condições. Por isso, afirma Bauman: “Para nós em particular – que vivemos em tempos implacáveis, tempos de competição e

de desprezo pelos mais fracos, quando as pessoas em volta escondem o jogo e poucos se interessam em ajudar-nos, quando em resposta a nossos pedidos de ajuda ouvimos advertências para que fiquemos por nossa própria conta, quando só os bancos ansiosos por hipotecar nossas posses sorriem desejando dizer ‘sim’, e mesmo eles apenas nos comerciais e nunca em seus escritórios – a palavra comunidade soa como música aos nossos ouvidos. O que essa palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes”.<sup>10</sup>

Dessa forma, as comunidades podem ter pura feição virtual, ou mesmo, podem jamais se realizar, mas o pertencimento é *consumido* como uma necessidade de auto-definição do indivíduo perante o grupo. Por isso, os laços das comunidades pós-modernas são laços tênues, fluídos (clube, time de futebol, origem étnica, classe social, opção profissional, gosto musical, estilo de vestimenta, estética do agir, atitude do falar...) que unem as pessoas, nem que se trate simplesmente de aparentar freqüentar várias comunidades, pertencer a uma comunidade, ou ter o *status* de quem *goza* de uma comunidade, é já motivo de plenificação. Não ter nenhuma comunidade é não ter personalidade; não ter nenhuma comunidade é uma infração paga com o preço de um anonimato social cuja amargura poucos querem provar.

Num mundo de laços tênues, o que importa é marcar a diferença, e não construir a igualdade. Num mundo fragmentado, o que importa na auto-definição é o que indivíduo *é*, perante o que ele *não-é*. Ou seja, a sensação de pertencimento é sempre construída com base em um recorte que se faz a partir de um certo universo de sentido, de acordo com um jogo de linguagem. A linguagem *deste* grupo não é a linguagem *daquele* outro grupo. Os grupos e comunidades são sempre recortes de mundo, a oferecer abrigo diante da turba de alternativas de *ser* e de *estar* da vida contemporânea. No entanto, *ser* e *estar* não se traduzem em aferições axiológicas ou políticas, mas se resumem em condutas estetizadas e tornadas *standards* de comportamento. Isto significa que toda opção por uma comunidade significa e implica também a sua auto-expulsão de outras comunidades diretamente contraditórias com sua linguagem.

A escolha é um passo sem retorno, na medida em que o acolhimento tem por consequência a aferição do merecimento ou da fidelidade no novo membro. Segurança lhe é oferecida em nome de algum sacrifício de lealdade do

<sup>9</sup>... o que quer que comunidade signifique, é bom ter comunidade, estar numa comunidade” (Bauman, *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, 2003, p. 01).

<sup>10</sup>Bauman, *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, 2003, p. 09.

indivíduo.<sup>11</sup> Neste sentido, segurança e liberdade podem andar em dissintonia. Como afirma Bauman: “Você quer segurança? Abra mão de sua liberdade, ou pelo menos de boa parte dela. Você quer poder confiar? Não confie em ninguém de fora da comunidade. Você quer entendimento mútuo? Não fale com estranhos, nem fale línguas estrangeiras. Você quer essa sensação aconchegante de lar? Ponha alarmes em sua porta e câmeras de tevê no acesso. Você quer proteção? Não acolha estranhos e abstenha-se de agir de modo esquisito ou de ter pensamentos bizarros. Você quer aconchego? Não chegue perto da janela, e jamais a abra. O nó da questão é que se você seguir esse conselho e mantiver as janelas fechadas, o ambiente logo ficará abafado, e, no limite, opressivo”.<sup>12</sup>

As comunidades são auto-cerradas, como forma mesmo de exercer proteção e auto-imagem aos membros do grupo.<sup>13</sup> Todo o resto desaparece aos olhos dos pertencentes. Neste caso, ou se é *in* ou se é *out*. O que define mesmo uma comunidade é o fato de ser pequena, auto-suficiente e diferenciada.<sup>14</sup> Fora da comunidade é o *caos* da multiplicidade e da diversidade de escolhas, ou o *limbo* do esquecimento e da indiferença, enquanto que dentro da comunidade há o compensador aconchego do reconhecimento. O indivíduo pós-moderno se recolhe a redutos e a guetos auto-eleitos, como forma de alcançar proteção ante a fúria da mudança dos costumes, ante a dinâmica e a voracidade das movimentações sociais, ante a multiplicação do infinito dos hábitos e padrões de comportamento social. Esta é a cultura das *tribes*.

Toda comunidade sendo um recorte, uma escolha, sempre está a enviar a outras comunidades, ou a “indivíduos sem-comunidade”, a mensagem subliminar da proibição de entrada não autorizada. A expulsão do olhar do *alter* invasor, a negação da entrada, ou a dificuldade no processo de aproximação, aguçam a vontade de pertencimento e valorizam a auto-estima do grupo. O solicitante ou pleiteante torna-se, nesta medida, um pedinte, e deve se sentir desejoso de possuir aquilo que quem *goza* de uma comunidade tem, enquanto outros não têm.

No mundo de uma sociedade fragmentada em *comunidades*, ou se tem uma, ou se vive da vida errática e

solitária de um caminheiro sem rumo, sem identidade, sem abrigo. As estalagens podem se abrir de vez em quando e oferecer algum alimento ou algum abrigo, mas será provisório. O mundo fragmentado é um mundo de identidades fracas que se tornam fortes, de uma força que é útil somente enquanto suficiente para expulsar o outro, para repelir o outro, para marcar a diferença entre *ego* e *alter*: Eis a força da comunidade. Uma força que empenha a sobrevivência deste grupo em meio a outros. Trata-se de uma força contra a pressão dos outros. Mas, a mesma força pode ser empregada sobre o indivíduo-membro que esteja perdendo as características que delinham a auto-definição do grupo.

É claro que correr o risco de estar blindado dentro de uma única comunidade impede o indivíduo de fruir de sua mais ampla liberdade de ser e de estar. Contra o risco da expulsão só há uma fiança: pertencer a mais de uma comunidade. Por isso, no mundo das comunidades, no mundo fragmentado em diversos jogos de linguagem, também uma outra habilidade deve ser desenvolvida pelos indivíduos: a de camaleão. Esta habilidade permite ao indivíduo circular entre as comunidades, transitar entre diversas linguagens, num mimetismo ambiental que garante a sua sobrevivência e a sua aceitação como um *pertencente*.

Exige-se uma flexibilidade de personalidade que torna o indivíduo preparado para vestir a roupa das exigências ambientais comunitárias as quais freqüente, ainda, ou passe a freqüentar. O cuidado no uso e no manuseio da tecnologia vocabular própria a cada um dos jogos de linguagem é o de não cometer infrações que venham a impedir a circulação. “Para evitar que isso aconteça, a identidade deve continuar flexível e sempre passível de experimentação e mudança; deve ser o tipo de identidade ‘até nova ordem’”.<sup>15</sup> É certo que distúrbios psíquicos e conflitos comportamentais estão previstos no itinerário do camaleão, mas nada que a comunidade dos analistas não possa resolver, depois de ser freqüentada...

Em tempos em que a família desmancha e não oferece mais a estrutura e a solidez anteriormente oferecidas, em que o indivíduo se perde em meio a massas amorfas e vazias moralmente, as comunidades são uma resposta de

<sup>11</sup>Se a comunidade implica exclusão de *outros*, estranhos, deve haver vigilância quanto à unidade do grupo: “A comunidade realmente existente será diferente da de seus sonhos – mais semelhante a seu contrário: aumentará seus temores e insegurança em vez de diluí-los ou deixá-los de lado. Exigirá vigilância vinte e quatro horas por dia e a afação diária das espadas, para a luta, dia sim, dia não, para manter os estranhos fora dos muros e para caçar os vira-casacas em seu próprio meio” (Bauman, *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, 2003, p. 22).

<sup>12</sup>Bauman, *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, 2003, p. 10.

<sup>13</sup>“As três características se unem na efetiva proteção dos membros da comunidade em relação às ameaças a seus modos habituais” (Bauman, *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, 2003, p. 18).

<sup>14</sup>Cf. Bauman, *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, 2003, p. 17.

<sup>15</sup>Bauman, *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, 2003, p. 61.

acalento em meio a um ambiente tornado inóspito pelo excesso de desabilitação humana. Isto significa que a *reificação* ganhou requintes culturais e afetou diretamente os modos pelos quais a solidariedade social se dá. Nesta medida, a desintegração social é compensada pela criação de substitutivos-incompletos para o vazio pós-moderno, que são as comunidades. O que as comunidades fornecem aos indivíduos é a complementação da existência pela identidade. Neste sentido, a linguagem da identidade se torna a linguagem social: “Identidade, a palavra do dia e o jogo mais comum da cidade, deve a atenção que atrai e as paixões que desperta ao fato de que é a substituta da comunidade: do lar supostamente natural ou do círculo que permanece acolhedor por mais frios que sejam os ventos lá fora”.<sup>16</sup>

Nesta medida, enquanto se acredita que a cultura das comunidades fomenta aproximação das pessoas e gera solidariedade social, se percebe que também (ou talvez, sobretudo) gera o incremento do discurso da diferença, o fermento necessário para a impossibilitação do reconhecimento do outro e para a dificultação do entendimento. Uma fragmentação ao infinito das comunidades auto-cerradas em sociedade tende a criar díspares jogos de linguagem cuja inacessibilidade crescente acaba por tornar o tecido social um conjunto de nichos de auto-normação. As muitas linguagens das *tribes* colocam em desuso a linguagem coloquial, o termo comum entre todas as comunidades.

Ademais, enquanto se acredita que a cultura das comunidades vem a dar conta de um problema de socialização na vida pós-moderna, no lugar disso, representa, na mesma medida, uma ameaça à própria possibilidade de criação de alternativas à crise moral, política e social destes tempos. Isto porque a cultura das comunidades representa uma resposta ao atomismo construída não com base em critérios éticos ou socialmente relevantes. A relevância pós-moderna foi deslocada do espaço do comum para o espaço do privado; a relevância está dada pela escolha estética. Por isso, os mecanismos prioritários de soldagem das uniões fluidas e passageiras não decorrem de um compartilhamento de princípios, de ideologias ou de identidades psíquicas.

As comunidades têm sido vez a vez menos os sindicatos de outrora, menos os movimentos geradores de

tendências políticas, menos os grupos de articulação e discussão, e mais a revelação de encontros felizes a partir de critérios estéticos. A soldagem dos comportamentos não é ética, e sim estética. “A orientação opera nestes dias mais pela estética do que pela ética. Seu principal veículo não é mais a autoridade ética dos líderes com suas visões, ou dos pregadores morais com suas homilias, mas o exemplo das ‘celebridades à vista’ (celebridades porque estão à vista); sua arma principal não está na sanção nem em seu poder, difuso mas bruto, de imposição”.<sup>17</sup> A fragilidade da estética é reproduzida como fragilidade da própria ética, na medida em que a própria responsabilidade alcança a consistência do que é fluido.<sup>18</sup>

Quando a terapia para os tempos pós-modernos parece ser a retomada da politicidade perdida, quando após a diagnose, se percebe que o desgaste da ética tem representado também um desgaste da própria possibilidade da linguagem e da razão, se percebe claramente que a alternativa das comunidades funciona como uma espécie de paliativo momentâneo e sem consequência, que somente eterniza a impossibilidade da solução aos dilemas pós-modernos. Por isso, afirma Bauman: “A comunidade que procuram seria uma comunidade ética, em quase tudo o oposto do tipo estético. Teria que ser tecida de compromissos de longo prazo, de direitos inalienáveis e obrigações inabaláveis, que, graças à sua durabilidade prevista (melhor ainda, institucionalmente garantida), pudesse ser tratada como variável dada no planejamento e nos projetos de futuro”.<sup>19</sup>

A cultura das comunidades, no lugar de ser uma alternativa ao individualismo, é somente *mais uma forma de individualismo*, ou seja, o individualismo daqueles que compartilham a vontade de não compartilhar. O compartilhar convida à experiência da política, única instância capaz de dar cobro a necessidades universais ou universalizáveis. A vida social carece de acalento para a dimensão da política, que incrementa o convívio, ao mesmo tempo em que carece da proteção da dimensão do direito, na medida em que a dinâmica da vida social institui a necessidade da preservação de meios racionais para a construção de formas de solidariedade social e instituição dos meios de prevenção normativa e solução concreta de litígios. Por isso, em outra parte, Bauman afirma: “Sejam quais forem os valores ou meios da pós-modernidade que consideremos, todos

<sup>16</sup>Bauman, *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, 2003, p. 20.

<sup>17</sup>Bauman, *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, 2003, p. 63.

<sup>18</sup>“Uma coisa que a comunidade estética definitivamente não faz é tecer entre seus membros uma rede de responsabilidades éticas e, portanto, de compromissos a longo prazo. Quaisquer que sejam os laços estabelecidos na explosiva e breve vida da comunidade estética, eles não vinculam verdadeiramente: eles são literalmente ‘vínculos sem consequências’. Tendem a evaporar-se quando os laços humanos realmente importam – no momento em que são necessários para compensar a falta de recursos ou a impotência do indivíduo” (Bauman, *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, 2003, ps. 67-68).

<sup>19</sup>Bauman, *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, 2003, p. 68.

apontam (pelo menos tacitamente ou por eliminação) para a política, a democracia e a plena cidadania como únicos veículos de sua realização. Com a política, esses valores e meios parecem ser a chance de uma sociedade melhor; sem a política, abandonados inteiramente aos critérios do mercado, parecem na melhor das hipóteses *slogans* enganosos e, na pior, fontes de novos e insondáveis perigos. A pós-modernidade não é o fim da política, assim como não é o fim da história. Ao contrário, o que quer que atraia na promessa pós-moderna é algo que pede mais política, mais compromisso político, mais eficácia política na ação individual e comunitária (por mais que isso seja sufocado pelo tumulto e alvoroço do consumo e por mais inaudível que se torne num mundo feito de *shoppings* e *Disneylândias*, onde tudo o que importa é uma agradável peça de teatro, de modo que nada realmente importa muito)<sup>20</sup>.

Em poucas palavras, não há caminhos para a cultura do que é comum, para a solução dos impasses da vida comum, fora da política. Não formas de solução e encaminhamentos racionais dos litígios fora dos equipamentos já conhecidos e a serem inventados no interior da cultura do direito. A despedida da política significa simultaneamente a entrega ao mercado, e o mercado não significa liberdade; o mercado promete liberdade e realiza opressão, clivagem, desigualdade, injustiça e controle. A deflação de aposta no direito significa um esvaziamento do crédito nas instituições públicas que seriam garantes do processo de auto-entendimento social e de preservação da dignidade humana no interior da vida social. No entanto, a política e direito, para operar, carecem de compromisso, de responsabilidade, sendo que ambas as noções são derivadas do modo ético como *ego* e *alter* se condicionam reciprocamente em seu relacionamento social, algo que parece ter-se tornado um tema estranho na conjuntura pós-moderna.

## CONCLUSÕES

A análise levada a cabo ao longo desse estudo prima por identificar a interrelação entre individualismo e o surgimento da cultura das comunidades no cenário pós-moderno. Invariavelmente ligada ao debate sobre a busca de auto-definição em tempos de incerteza, a questão da segurança se torna uma questão de sobrevivência. A personalidade se estabiliza com a sensação do pertencimento. A busca por identidade se torna uma luta intra-psíquica e intersubjetiva, quando a guerra de guerrilha pela auto-afirmação se torna uma luta pelo encontro da sensação de segurança perdida, de uma segurança que se descolou da existência e parece ser fugidia aos olhares

atônitos dos indivíduos pós-modernos, obcecados pela auto-definição. A ansiedade de si é uma marca destes tempos, cuja resposta escapa à maior parte das práticas assumidas como promissoras deste encontro.

No entanto, as frágeis aglomerações pós-modernas em torno de identidades construídas, todas elas construídas sobre fatores estéticos e não éticos, são paradoxalmente incapazes de preencherem o próprio vazio que se percebe projetado na atmosfera. A deflação do compromisso intersubjetivo é ela mesma a causa da necessidade vital de comunidades. Com isso, o campo do Direito se ressentido de uma clara perda de sentido, de ênfase social, pois, sufocado, este instrumental social perde o seu simbolismo de reforço da fraqueza individual, agora substituído pela força das aglomerações momentâneas e frágeis, passageiras e irrelevantes do ponto de vista da estrutura da vida social. Essa perda de sentido do Direito, a partir da experiência do individualismo contemporâneo, reduz seu papel transformador, na medida em que as energias utópicas que restam acomodadas em sua interna condição, em seu potencial de coordenação de ações sociais, se esvaziam na dimensão de um agir liquefeito no interior blindado de células sociais sem densidade reflexiva e sem capacidade de transformação. A cultura das comunidades serve, no máximo, com o mecanismo de auto-reconhecimento dos indivíduos pelo grupo.

A retomada da ética, bem como a retomada da política são as únicas saídas possíveis para os impasses da condição pós-moderna, duas alternativas que, elas mesmas, parecem estarem sendo muito pouco visitadas e que parecem despertar muito pouca capacidade de geração de adeptos, quando outras comunidades se tornaram mais convidativas pela aparência do que pela essência.

## BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W. *Palavras e sinais*. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Tradução de Augustin Wernet e Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Ática, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Indústria cultural e sociedade*. Tradução de Julia Elizabeth Levy. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

<sup>20</sup>Bauman, *Modernidade e ambivalência*, 1999, p. 294.

- BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Em busca da política*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução de Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade e ambivalência*. Tradução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Tradução de Sergio Paulo Roaunet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BITTAR, Eduardo C. B. *O direito na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- HABERMAS, Jürgen. *O futuro da natureza humana*. Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- HORKHEIMER, Max. *Crítica de la razón instrumental*. Traducción de.. 2006.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 2. ed. Tradução de José Bragança de Miranda. Lisboa: Gradiva, 1989.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução de Álvaro Cabral. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- TÜRKE, Christoph. *Sociedade da sensação: a estetização da luta pela existência, in Ensaios frankfurtianos* (ZUIN, Antonio A. S.; PUCCI, Bruno; RAMOS DE OLIVEIRA, Newton), São Paulo, Cortez, ps. 61-74, 2004.